

VEÍCULO: **A TRIBUNA**

DATA: 13/01/2017

ASSUNTO: FEBRE AMARELA

TIPO: NOTÍCIA

CADERNO: VITÓRIA PÁG.: 14

FEBRE AMARELA

Morte de 17 macacos é investigada

Os animais foram encontrados mortos em Ibatiba, Colatina e Pancas. Resultado de exames deve sair em 20 dias, segundo a Sesa

Rayza Fontes

A Secretaria de Estado da Saúde (Sesa) está investigando a morte de 17 macacos com suspeita de febre amarela em municípios capixabas. Os animais foram encontrados mortos em Ibatiba (6), no Sul do Estado; Colatina (4) e Pancas (7), no Noroeste.

Os macacos são os principais hospedeiros do vírus da febre amarela silvestre, doença que tem causado preocupação em Minas Gerais, onde o número de casos

suspeitos não para de subir. No estado, são investigados 110 casos e 30 mortes suspeitas pela doença.

Quando o mosquito pica um macaco doente, torna-se capaz de transmitir o vírus a outros macacos e também ao homem.

A Sesa informou que as mortes dos animais estão sendo investigadas, mas até ontem, não havia confirmação da doença. O material será analisado no Instituto Evandro Chagas, no Rio de Janeiro, e o resultado deve sair em 20 dias.

Quem mora no Estado, segundo a Sesa, não precisa ser vacinado, a menos que vá se deslocar para áreas de risco, como é o caso de Minas Gerais. A orientação da secretaria é que os turistas que chegam de Minas que não estiverem vacinados devem procurar uma unidade de saúde e se vacinar.

O superintendente geral da Prefeitura de Pancas, Rodrigo Bernardi, contou que os macacos encontrados são da espécie bugio, popularmente conhecida como "barbado" e que as carcaças já foram recolhidas para exame.

"A população local recebeu orientação técnica sobre contato com esses animais. Após verificação da Vigilância, a equipe constatou que a população de Córrego



MACACO BUGIO, da mesma espécie que foi encontrada morta em Pancas

Floresta, no distrito de Laginha, onde eles foram encontrados, já está vacinada contra a febre amarela".

A infectologista Jacqueline Oliveira Rueda explicou que embora os casos de febre amarela não ocorram desde a década de 1940, o fluxo de pessoas e a presença do *Aedes Aegypti* podem trazer a doença à cidade. Ela destacou que

é preciso ver o mosquito como vilão, pois ele transmite, além da febre amarela urbana, dengue, zika e chikungunya.

"Os casos recentes foram considerados febre amarela silvestre, mas o vírus é o mesmo. Com o deslocamento de pessoas e a presença do *Aedes*, a situação é preocupante", explicou.

SAIBA MAIS

A doença

- > EM SUA FASE INICIAL, que dura de três a cinco dias, a febre amarela causa calafrios, febre, dor de cabeça e no corpo, náusea, cansaço, perda de apetite e vômitos.
- > EM SUA FASE MAIS GRAVE, a doença pode provocar icterícia (pele com coloração amarelada), hemorragias e ainda insuficiência renal e hepática, o que pode levar o paciente à morte.

Transmissão

- > A FEBRE AMARELA é considerada endêmica nas regiões rurais e de mata do País, onde é transmitida por mosquitos como o *Haemagogus* e o *Sabethes*, para macacos e, ocasionalmente, para humanos não vacinados.
- > NÃO HÁ REGISTRO de casos em áreas urbanas, onde o vetor é o mosquito *Aedes aegypti*, desde 1942.
- > A FEBRE AMARELA SILVESTRE é uma doença endêmica no Brasil, principalmente na região amazônica. Nos últimos anos, as regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul também registraram casos.

Casos

- > EM MINAS GERAIS, estado vizinho ao Espírito Santo, o número de casos suspeitos de febre amarela não para de subir. No estado, são investigados 110 casos e 30 mortes suspeitas.
- > TAMBÉM cresceu o número de municípios do interior de Minas Gerais com casos em investigação: de dez para 15.
- > EM 2010, foram confirmados seis casos de febre amarela silvestre no País, com cinco mortes. Do total, três ocorreram em Goiás, dois em São Paulo e um no Amazonas.
- > EM GERAL, os meses de dezembro a maio são o período de maior risco de transmissão da febre amarela silvestre, tanto pelas chuvas quanto pela época de viagens.

Com o deslocamento de pessoas e a presença do *Aedes*, a situação é preocupante

Jacqueline Rueda, infectologista